

Português de 12.º ano

Educação Literária e Gramática

O romance saramaguiano

- ***Memorial do Convento***
- ***O Ano da Morte de Ricardo Reis***
- Dias 20, 23 e 27 de abril
- Dias 11, 14 e 18 de maio

Gramática de 10.º, 11.º e 12.º anos

Dias 30 de abril, 4 e 7 de maio; Dias 21, 25 e 28 de maio



Quem é José Saramago?

- Um grande escritor do século XX
- O único português que recebeu o prémio Nobel da Literatura (1998)

José Saramago

“Escrevo para desassossegar.”



José Saramago nas suas palavras

- “A minha posição é de constante **interrogação.**”
- “Só **o amor** nos permite nos conhecer.”
- “Sou um espírito profundamente **religioso.**”
- “É melhor se enganar do que mostrar **indiferença.**”

José Saramago nas suas palavras

- “Se não nos movemos para onde está **a dor e a indignação**, se não nos movemos para onde está **a proposta**, não estamos vivos, estamos mortos.”
- “O único valor que considero revolucionário é **a bondade**.”

Memorial do Convento

- **Publicado em 1982**
- **Diálogo entre a História e a Ficção**



- **Século XVIII** – construção do convento de Maфра (início em 1717)
- **Absolutismo monárquico** – D. João V, o “Rei Sol” português;
- **Portugal:**
 - Sociedade estratificada: clero, nobreza e povo
 - Povo ignorante, maltrapilho, religioso, oprimido pelas classes privilegiadas;
 - Tribunal do Santo Ofício; autos de fé

Memorial do Convento

Aspetos paratextuais:

1. **Título** – relato de factos ou pessoas memoráveis
2. **Contracapa** – linhas da ação
3. **Epígrafes** – conceção de História
 - 3.1. Determinista (há forças que se sobrepõem à vontade humana)
 - 3.2. Contingente (há uma História não contada)

"Era uma vez um rei que fez promessa de levantar um convento em Mafra. Era uma vez a gente que construiu esse convento.

Era uma vez um soldado maneta e uma mulher que tinha poderes. Era uma vez um padre que queria voar e morreu doido.

Era uma vez."



Memorial do Convento

Linhas da ação:

1. A promessa do rei e a construção do convento
2. A história de amor de Baltasar e Blimunda
3. A história de um padre (Bartolomeu Lourenço) que tinha o sonho de voar

Capítulo 1

História do relacionamento entre o rei D. João V e a rainha D. Maria Ana de Áustria



*D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e até hoje ainda **não emprenhou**. Já se murmura na corte, dentro e fora do palácio, que a rainha, provavelmente, **tem a madre seca**, insinuação muito resguardada de orelhas e bocas deladoras e que só entre íntimos se confia. Que caiba a culpa ao rei, **nem pensar**, primeiro porque a esterilidade não é mal dos homens, **das mulheres sim**, por isso são repudiadas tantas vezes, e segundo, material prova, se necessária ela fosse, porque abundam no reino **bastardos da real semente** e **ainda agora a procissão vai na praça**.*

O narrador

O narrador tem uma importância crucial no romance.

Dialoga com o leitor.

Obriga-o a pensar. É um “**intrometido**” companheiro de viagem na leitura.

O narrador polifónico

- A voz do narrador ecoa de diferentes formas:
 - Sentencia...
 - Satiriza...
 - Ironiza...
 - Comenta...
 - Defende...
 - Acusa... critica...
 - Denuncia...
 - Ama...

Além disso, quem se extenua a implorar ao céu um filho não é o rei, mas a rainha, e também por duas razões. **A primeira razão** é que um rei, **e ainda mais se de Portugal for**, não pede o que unicamente está em seu poder dar, **a segunda razão** porque sendo a mulher, naturalmente, **vaso de receber**, há-de ser naturalmente suplicante, tanto em novenas organizadas como em orações ocasionais. Mas nem a persistência do rei, que, salvo dificuldade canónica ou impedimento fisiológico, duas vezes por semana cumpre vigorosamente o seu dever real e conjugal, nem **a paciência e humildade da rainha** que, a mais das preces, se sacrifica a uma imobilidade total depois de retirar-se de si e da cama o esposo, para que se não perturbem em seu gerativo acomodamento os líquidos comuns, escassos os seus por falta de estímulo e tempo, e cristianíssima retenção moral, pródigos os do soberano, como se espera de um homem que ainda não fez vinte e dois anos, nem isto nem aquilo **fizeram inchar** até hoje a barriga de D. Maria Ana. **Mas Deus é grande.**

O rei vaidoso e megalómano

- “Quase tão grande como Deus é a basílica de S. Pedro de Roma que el-rei está a levantar.” – **trabalho fútil, lúdico, infantil**
- [...] Em rei seria defeito a modéstia.

A promessa real

Então D. João, o quinto do seu nome, assim assegurado sobre o mérito do empenho, levantou a voz para que claramente o ouvisse quem estava e o soubessem amanhã cidade e reino, **Prometo, pela minha palavra real, que farei construir um convento de franciscanos na vila de Mafra se a rainha me der um filho no prazo de um ano a contar deste dia em que estamos,** e todos disseram, Deus ouça vossa majestade, e ninguém ali sabia quem iria ser posto à prova, se o mesmo Deus, se a virtude de frei António, se a potência do rei, ou, finalmente, a fertilidade dificultosa da rainha.

Relação afetiva do par real

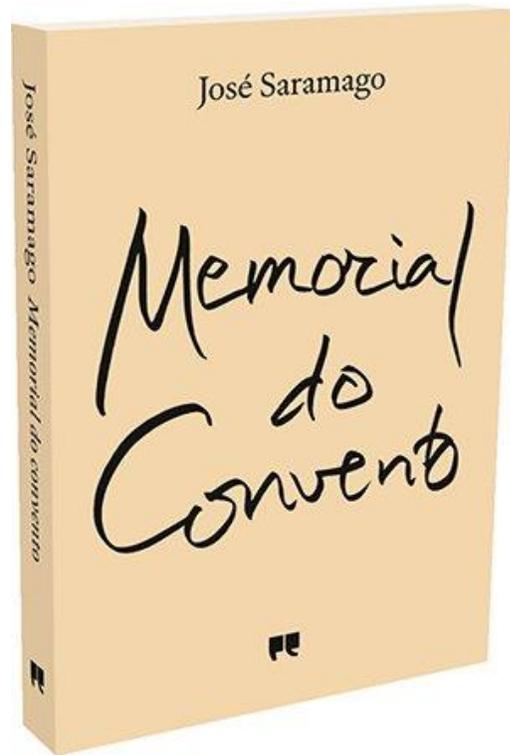
Entraram com el-rei dois camaristas que o aliviaram das roupas supérfluas, e o mesmo faz a marquesa à rainha, de mulher para mulher, com ajuda doutra dama, condessa, mais uma camareira-mor não menos graduada que veio da Áustria, **está o quarto uma assembleia, as majestades fazem mútuas vénias, nunca mais acaba o cerimonial**, enfim lá se retiram os camaristas por uma porta, as damas por outra e nas antecâmaras ficarão esperando que termine a função [...].

D. João V conduz D. Maria Ana ao leito, **leva-a pela mão como no baile o cavaleiro à dama**, e antes de subirem os degrauzinhos, cada um de seu lado, ajoelham-se e dizem as orações acautelantes necessárias, para que não morram no momento do ato carnal, sem confissão, para que desta nova tentativa venha a resultar fruto [...].

D. Maria Ana estende ao rei a mãozinha suada e **fria**, que mesmo tendo aquecido debaixo do cobertor logo arrefece ao **ar gélido do quarto** [...].

Relação afetiva do par real

- Formalismo
- Frieza
- Artificialismo
- Casamento formal, sacramentado, sem amor, por conveniência política
- Ausência de afetos, de manifestações de carinho na intimidade
- Sexualidade reprimida (peso religioso – conceito de pecado)



Desafios de leitura

- Ler, tentando descobrir o que o narrador “**quer**” que analisemos e reflitamos...
- Aceitar o “**jogo**” da voz narrativa: escutar, olhar, ver, admirar, criticar, comparar com o nosso tempo (século XXI), compreender as similitudes e as diferenças...
- Colocar-se no papel do “**outro**”, emocionar-se ou criticar...

“A literatura precisa de
leitores indomáveis.”

José Saramago

